

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME X



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1971

OBJECTOS DE TOILETTE DE CONIMBRIGA

Na sequência de dois artigos publicados em números anteriores desta revista (*), apresentamos agora objectos de toilette procedentes das escavações antigas (anteriores a 1962) de Conimbriga: espelhos, estrigilos, lâminas de barbear, pentes, pinças e lígulas.

ESPELHOS (2)

Numa fase remota da civilização, os homens não conheciam os espelhos (*speculum*), servindo-se então do poder reflector da água, como o documenta a lenda de Narciso.

Os primeiros espelhos dignos deste nome foram de metal – os únicos utilizados na Antiguidade anteriormente à era cristã. Sabemos que os espelhos metálicos já eram conhecidos dos egípcios, que transmitiram o seu uso aos micênicos, e estes, por sua vez, aos gregos e romanos.

Os materiais usados no fabrico dos espelhos foram variados, embora se possa afirmar que o bronze, com grande percentagem de estanho, foi o principal. Há-os, também, de ouro e prata, assim como dourados e prateados, sendo aqueles geralmente fundidos em prata. Os seus proprietários tratavam-nos cuidadosamente, ora limpando-os com esponjas, ora guardando-os em caixas ou, ainda, envolvendo-os em sacos estofados.

^{f1)} *Alfinetes de toucado, romanos, de Conimbriga*, «Conimbriga», 7, 1968, p. 67-95 e *Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga*, «Conimbriga», 8, 1969, p. 17-64.

⁽²⁾ Saglio et Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités*, vb. *speculum*. Cagnat et Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, Paris, 1920, p. 394 s.

Não há certezas sobre o uso dos primeiros espelhos de vidro, estanhados ou duplos, ténicamente dois autores antigos nos falam deles duma maneira precisa: Plínio, o Antigo, que atribui a sua invenção aos Sidónios, e Alexandre de Afrodísia, que escreveu cerca de 200 a.C.

A esmaltagem com mercúrio não foi conhecida na Antiguidade. Colocavam no reverso da lentilha de vidro, que era soprada, uma folha de ouro, estanho ou chumbo. Conhecem-se muitos espelhos deste género, vindos, sobretudo, do Egipto e da Gália. A maior parte deles é tardia e de dimensões reduzidas e daí a possibilidade de terem servido, talvez, de amuletos. Só a partir da época imperial, em Roma, se começaram a expandir estes espelhos.

Os espelhos romanos reproduzem as disposições essenciais dos espelhos gregos e etruscos. Dos gregos receberam eles o espelho metálico de formato redondo; dos etruscos, os espelhos de forma quadrada ou rectangular, com ou sem cabo, pelos quais os romanos tiveram grande predilecção. Estes podem encontrar-se em todo o mundo antigo, nomeadamente na Ásia Menor, Cartago e Itália.

De uma maneira geral, os espelhos antigos eram de pequenas dimensões (0,15 m, 0,20 m, ou menos, de diâmetro) embora também os houvesse grandes, alguns da altura humana, quer nas casas particulares, quer nos templos. Podiam estar fixos, encaixados na parede ou, mais frequentemente, presos num prego, como o demonstram os vasos pintados. Alguns possuíam um Cabo; outros, sem cabo, eram usados na palma da mão.

Os espelhos de pé, que eram colocados em cima das mesas, são muito raros, surgindo-nos, todavia, alguns exemplares verdadeiramente luxuosos em Pompeia e na Síria. Os suportes destas obras de luxo têm a forma de figurinhas. Todos eles são leves e manejáveis e representam, por exemplo, efebos levantando os dois braços, ou com uma das mãos sustentando um disco, enquanto colocam a outra na anca, do lado da perna de apoio.

Os espelhos de cabo, de luxo, tomaram também formas mais ou menos complicadas. Desapareceram as cenas gravadas comuns nos etruscos e os círculos concêntricos tornaram-se quase que o único ornamento. Todavia, o contorno era, frequentemente, furado por orifícios dispostos regularmente, que serviam, talvez, para as mulheres colocarem os alfinetes para a sua toilette. Os bordos

eram por vezes lisos; outras, recortados, com dentes separados por curvas côncavas, ou com uma dupla voluta semelhante à dos florões. Nos espelhos vulgares, o cabo compõe-se de um simples balaustre, ou de urna moca (acompanhada ou não de pele de leão), ou ainda de dois troncos de salgueiro entrelaçados. A atadura é constituída por um florão ou por uma folha entre duas flores.

O disco era geralmente recortado e, no reverso, surgia o emblema: Eros, urna bacante, o cisne de Leda, etc.

São mais frequentes os espelhos de bronze, embora nos meados do século I a.G. se tenham multiplicado os de prata; estes, todavia, não destronaram completamente os de bronze, que, sendo baratos, eram até possuídos pelos próprios criados.

O que dá campo ao exercício do artista é a moldura ricamente trabalhada (que rodeia o disco), ou os emblemata (que ornamentam o reverso da face reflectora).

Entre os espelhos de caixa da época romana ocupam um lugar proeminente os espelhos monetários, cuja tampa é decorada por um relevo sobremoldado sobre uma moeda imperial. Esta moda espalhou-se, sobretudo, no tempo de Nero.

Temos de considerar, em último lugar, os espelhos de chumbo forrados de vidro, que só apareceram durante o Império e apresentam formas e decorações diversas. Os reversos dos discos apresentam, por vezes, inscrições significativas.

ESPELHO (EST. I)

- 1 — Pequeno fragmento de espelho circular que teria, provavelmente, cerca de 198 mm de diâmetro. É de bronze e mede 1,5 mm de espessura. A ornamentação consiste numa fileira de orifícios circulares formando uma cercadura junto da borda e, do lado interior, dois sulcos concêntricos. Tem o núm. de inv. A 145 (1).

^{f1)} A. G. Teixeira de Aragão, *Antiguidades romanas de Balsa*, «O Archeólogo Português», 2, 1896, p. 57, est. 2, publica um espelho com cabo que se assemelha ao de Conimbriga. Outros paralelos podem ver-se em Cagnat e Ghapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, 1920, p. 395, fig. 582; John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 222, fig. 263; e *Antiquities of Roman Britain*, Londres, British Museum, 1958, p. 12, fig. 5. — Este último exemplo não tem cabo.

2 — Pequeno fragmento de bronze com acentuado teor de estanho, com 1,9 mm de espessura e provavelmente cerca de 172 mm de diâmetro. Dois sulcos concêntricos circundam a curvatura exterior, repetindo-se a mesma decoração na outra face do espelho. O bronze está muito atacado.

Não reproduzimos, por serem muito diminutos, outros doze fragmentos de discos de espelhos, um dos quais de pátina negra.

3 — Cabo cruciforme, em bronze, com dois braços em forma de asas de ave e uma parte central em forma de gota que penetraria na superfície do espelho. O pé alarga um pouco para a base e apresenta uma secção oval. A extremidade é arredondada. No reverso nota-se um ressalto circular, onde certamente se encaixaria o disco. Este teria, aproximadamente, 133 mm de diâmetro (*).

4 — Cabo de bronze, de secção semicircular. Mais pequeno que o anterior e diferente na secção do pé, parece todavia assemelhar-se ao anterior no formato, embora as extremidades dos braços e da saliência central estejam partidas. Pelo ressalto do encaixe do disco pode calcular-se o diâmetro deste em cerca de 114 mm.

ESTRIGILOS

O estrigilo (*strigilis*) teve esta denominação devido ao seu emprego, pois servia para raspar a epiderme (*stringere*) retirando-lhe o óleo, ou ceroma, que ficava no corpo depois da massagem, bem como o suor e os restos epidérmicos.

Ignora-se a sua origem, pois as antiguidades egípcias e micénicas ainda nada nos revelaram sobre ele e os mais antigos autores que dele falam viveram nos séculos v e iv a.C.

Fazia parte, a princípio, do equipamento dos lutadores, que untavam o corpo de óleo a fim de evitarem ser presos pelo adversário, porque um membro untado escorrega ao ser agarrado e só é possível apanhar o contendor depois de ele ter caído na areia. (*)

(*) John Ward, *ob. cit.*, p. 222, fig. 63 D; José Belda, *Museo Arqueológico de Alicante*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. LXXIV, 1. Este último, procedente de Tosal de Manises, data do séc. i d.G.

Finda a luta, os adversários dirigiam-se ao banho; porém, numa sala que antecedia a porta de entrada dos balneários, procedia-se a uma primeira limpeza com o auxílio do estrigilo. Estas raspaduras de óleo ou azeite eram, por vezes, vendidas e usadas contra as dores nevrálgicas e reumáticas. Cedo, todavia, o homem toma gosto pelos exercícios físicos, tornando-se estes até sinónimo de bom tom e, assim, impõem-se as unções e o uso consequente do estrigilo, que era levado pelo escravo, geralmente numa argola onde se prendia também o frasco do óleo com tripla corrente.

O seu uso estendeu-se aos doentes e às mulheres, que dele se serviam no banho para eliminar as massas depilatorias e os unguentos, às vezes bastante espessos.

O estrigilo é composto de duas partes essenciais: uma longa colher côncava (*ligula*), e um cabo (*capulus*). Ao longo dos tempos, sofreu várias modificações ainda impossíveis de datar, embora se reconheça que os primitivos estrigilos eram feitos de uma folha de metal (bronze ou prata) trabalhada à lima e ao martelo, e em que a colher, muito côncava na largura e alargando para a extremidade, desenhava um semi-círculo em todo o seu comprimento. O cabo tinha o formato de um anel longo. Mais tarde, os dois troncos do cabo são unidos, tornando-se, o primeiro, numa lâmina chata, enquanto o segundo fica redondo e filiforme, terminando este sobre o dorso da colher, numa pequena placa lanceolada ou foliada sobre a qual se apoiava o polegar ou o indicador.

Quando se começou a fundir os estrigilos num molde, a colher passou a formar um ângulo recto com o cabo, que se compunha de duas lâminas semelhantes, paralelas e aderentes uma à outra nas duas extremidades. O cabo, por vezes, toma a forma cilíndrica ou é constituído por uma só lâmina cuja largura é o dobro da espessura.

As dimensões dos estrigilos não eram muito grandes, variando o seu comprimento entre 16 e 30 cm. Há-os, todavia, de reduzidas dimensões, talvez votivos e não funcionais.

O material em que eram fabricados variava, sendo empregues para tal fim o ferro, que era o mais usual, o bronze, a prata, o chumbo, o cobre, o osso, o marfim e até o vidro.

A decoração dos estrigilos é constituída, essencialmente, por linhas sinuosas, flores e caneluras. Os ornamentos são diversos: Apoio sentado, Hermes, Centauro, figuras nuas, etc.

Algumas vezes os estrigilos surgem-nos reunidos numa corrente ou argola com outros apetrechos de toilette e, daí, a conhecida expressão *strigilis et ampulla*.

Chegaram até nós vários exemplares, encontrados sobretudo nos túmulos de gente abastada, principalmente nas necrópoles das cidades onde os habitantes tinham uma vida mais ociosa.

Além desses achados arqueológicos, há outras fontes históricas pelas quais eles podem ser conhecidos: as representações escultóricas e pictóricas. Autores célebres como Lisipo e Policleto representam-no. Aparecem-nos, também na sua forma *strigilis et ampulla*, nas paredes dos ginásios e, através destas pinturas, podemos ficar com uma ideia de como se pegava e se servia do estrigilo. Os espelhos mostram-no igualmente, na forma de uma mulher ou efebo segurando o estrigilo. Na Itália, os pintores servem-se dele para a decoração das palestras. Finalmente, os estrigilos figuram nalgumas esteias funerárias de atletas e gimnasiarcas.

ESTRIGILOS (EST. I)

- 5 — Estrigilo de bronze a que falta o cabo, que seria certamente de outro material. A lâmina, vista de frente, tem forma de chama muito alongada. De perfil, dobra-se quase em ângulo recto. Tem 115 mm de comprimento, 55 de largura e 3 de espessura, e secção rectangular. Foi encontrado nas escavações de 1960 nas Grandes Termas do Sul. Núm. de inv. A. 147 ⁽¹⁾.
- 6 — Estrigilo de bronze, dobrado em ângulo de cerca de 130°. O lado mais pequeno, de 38 mm de comprimento e 11,5 de largura máxima, alarga-se e torna-se mais espesso para a extremidade; o outro, de formato quase losangonal, com 60 mm de comprimento e 19 de largura máxima, estreita progressivamente até à extremidade, onde a largura se reduz a 6 mm. O pequeno cabo, curvado e incompleto, tem secção rectangular de 5x3 mm. A espessura máxima da peça é de 2,1 mm.

⁽¹⁾ Em *Antiquities of Roman Britain*, cit., fig. 5, vê-se um estrigilo semelhante.

- 7 – Estrigilo de bronze, dobrado em ângulo de pouco mais de 90°. Da extremidade mais larga, que mede 15 mm, vai estreitando progressivamente até terminar em bico na outra ponta. O braço menor mede 56 mm de comprimento e o maior, 105 mm. Tem 2,2 mm de espessura, que se reduz na extremidade mais larga. Idêntico a este, há um outro estrigilo de bronze, bastante atacado, com 85 mm de comprimento e 50 de largura.

NAVALHA DE BARBA

A navalha de barba, ou *novacula*, era já conhecida na Alta Antiguidade, como o demonstra a seguinte expressão da *Ilíada*: «a coisa está sobre o fio da navalha». Os monumentos mais antigos da arte helénica, onde os homens nos aparecem com a barba longa e espessa no queixo e o lábio superior completamente rapado, atestam-nos o uso deste objecto.

Os romanos também se serviram dela desde muito cedo, como o testemunha a lenda do augure Attus Navius, contemporâneo de Tarquinio, o Antigo, que teria rachado uma pedra com a navalha de barba.

Quando se introduziu o costume de rapar completamente o rosto, a navalha tornou-se ainda mais necessária. Sabe-se que cerca do ano 300 a.C. os barbeiros se multiplicaram na Itália. Cipião, o Segundo Africano, é tido como o primeiro homem a fazer a barba quotidianamente, à maneira grega do tempo, moda essa que foi seguida até ao tempo de Adriano, com excepção das classes inferiores. Assim o uso da barba era sinónimo de aflicção e dor.

Com Adriano, que tinha algumas imperfeições a esconder na face, torna-se a usar novamente a barba, como nos primitivos tempos romanos anteriores ao ano 300 a.C. Este costume estende-se até aos começos do século iv. Constantino e os seus sucessores, à excepção de Juliano, fazem a barba.

A maneira de usar a barba variou também ao longo dos tempos, como o podemos verificar através dos bustos e moedas: Adriano tinha-a relativamente curta; com Antonino, o Pio, era já mais longa; Marco António usava-a frisada; Septímio Severo, dividida em duas partes.

Os textos mencionam as navalhas entre os instrumentos usuais do barbeiro. Marcial fala-nos de um estojo recurvo onde o barbeiro guardava a sua navalha.

NAVALHAS (EST. I)

- 8 --- O cabo, de secção rectangular, é arredondado na extremidade e perfurado. A lâmina, incompleta, atinge 0,2 mm de espessura. De formato triangular, mede 23 mm de largura máxima e 30 de comprimento. O comprimento total da peça é de 73 mm. Está partida em dois pedaços e muito incompleta na lâmina f¹).
- 9 — O cabo, de espessura laminar, é quase triangular, enrolado nas extremidades. A lâmina vai-se tornando progressivamente menos espessa partindo do centro para a periferia, onde chega a atingir a espessura de 0,1 mm. De formato triangular, tem 30 mm de largura máxima e 48 de altura. A separar o cabo da lâmina encontra-se uma espécie de cabeça de machado com 17 mm de comprimento, 6 de largura e 3 de espessura. O comprimento total da peça é de 115 mm, a lâmina acha-se todavia incompleta.
- 10 — Navalha de latão, cuja lâmina tem a forma de um triângulo isósceles, arredondado no vértice que a liga ao cabo. A lâmina, com 80 mm de comprimento, encontra-se roída. O cabo é formado por uma parte alongada de secção rectangular, separada da lâmina por um sulco e terminando num disco laminar. Tem 60 mm de comprimento, 5 de largura e 2,5 de espessura máxima. Foi encontrada nas escavações que o Doutor Vergilio Correia promoveu nos terrenos de que a Faculdade de Letras é proprietária. Núm. de inv. A 137.

PENTES

O pente (*pecten*) era usado para vários fins relacionados com a cabeleira: dividi-la, alisá-la, limpá-la ou executar os trabalhos de arte (*ornare*) que a moda exigia nos penteados femininos. Todavia não era utilizado somente pelas mulheres; era também ¹

¹) Tem paralelo em Helli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Bruges, 1962, est. I, fig. 11.

um objecto indispensável ao homem. Por mais alto que subamos na historia dos povos clássicos, vemos dominar, entre os homens, o costume de usar os cabelos compridos. Quando a moda exigiu os cabelos curtos, o pente foi utilizado também pelo *tonsor* (barbeiro) para cortar o cabelo dos homens, auxiliando, assim, a tesoura, a fim de não ultrapassar a justa medida e obter uma regularidade perfeita no penteado.

Para fazermos uma ideia do grande uso do pente durante a antiguidade, basta sabermos que uma cabeleira penteada com muito esmero era indício de elegância e apuro, e a cabeça onde o pente não passara denotava, num homem, a miséria ou o luto.

O pente era, portanto, um dos instrumentos mais usuais do cabeleireiro e da cabeleireira e uma das insígnias da sua profissão, como o demonstram os seus túmulos.

Há vários testemunhos históricos que comprovam a existência dos pentes na Antiguidade: os achados arqueológicos, a sua representação nos monumentos históricos e as referências dos autores antigos.

Em Spata, na África, foi encontrado um belo pente da época micénica, em marfim, ricamente ornamentado. Em Pompeia foram descobertos pentes, sobretudo de bronze, assim como nas catacumbas de Roma (pentos de marfim). Antes da batalha das Termopilas, um espião de Xerxes, enviado em reconhecimento, encontrou os espartanos de Leónidas a pentearem os seus cabelos. Apuleio menciona um pente de prata. Finalmente vemos a representação de mulheres a pentearem-se, ou a fazerem-se pentear, com o auxílio do pente, em diversos monumentos históricos.

Os materiais empregues no fabrico dos pentes foram variados. A maior parte deles era de madeira, especialmente de buxo, usado mais vulgarmente. Há um édito de Diocleciano que fixa o preço máximo de um pente de buxo, para mulher, em 14 denários.

Outros, todavia, são de osso, marfim ou bronze. Pela sua matéria, os pentes eram mais simples que os actuais, porém superavam-nos pela sua decoração. Os pentes de buxo, osso e marfim, são, às vezes, decorados com figuras em relevo e inscrições. No British Museum há um exemplar com o nome da sua proprietária. Os pentes de bronze são mais raros, e têm, duma maneira geral, uma só fila de dentes. A sua decoração consta de ornamentos

geométricos e pontilhados, gravados em concavidade, de que são exemplo os pentes de Pompeia.

O seu formato parece não ter sofrido grande alteração depois da Antiguidade. Há-os, por vezes, de forma alongada; nota-se porém uma predominância dos pentes curtos, com uma só ou dupla fila de dentes, uns mais espaçados a fim de desembaraçarem o cabelo, outros finos e fechados para os limpar e alisar. Parece, todavia, que os pentes sofreram uma certa evolução desde a idade micénica até ao fim do Império Romano. Assim, na idade micénica, o pente parece ter tido uma forma quadrangular, com dentes num único lado. Depois, na época romana, surge-nos o pente rectangular com duas filas de dentes: uns mais grossos e outros mais finos. Finalmente, no fim do Império Romano (séc. iv) aparece-nos o pente triangular com uma só ordem de dentes e com uma caixa protectora. Esta última fase evolutiva parece ter sido influenciada pela arte bárbara.

Temos a considerar, em última análise, o uso do pente como objecto de culto, quer entre os pagãos, quer entre os cristãos. Sabe-se que muitas divindades tinham os seus guarda-roupas e que os ministros deviam fazer a ornamentação das suas estátuas. Entre os objectos preciosos consagrados ao seu serviço existem os pentes. Os mais belos exemplares encontram-se, talvez, nos santuários das divindades femininas como, por exemplo, o pente de Argos, para o uso de Palas, os pentes colocados como voto nos templos de Vénus, etc. Os cristãos serviam-se também dos pentes como objectos de culto. Havia o costume do padre passar um pente pelos cabelos antes de se dirigir ao altar, uso esse, talvez, de origem pagã.

Os antigos parece não terem tido conhecimento das escovas de cabelo, nem do pente de ornamento que se colocava no penteado para o segurar, pois estes objectos não apareceram nos monumentos antigos. Todavia Pollux coloca o pente entre os ornamentos da cabeça. É possível que, sob o Império, pelo menos, se adoptasse este costume.

Com o nome de *pecten* existem, ainda, alguns instrumentos usados pelos tecelões ou na agricultura.

PENTES (EST. I)

- 11—Pente de madeira, feito de uma única peça com os lados menores arqueados. Tem duas fieiras de dentes, uns grossos e separados, outros unidos e finos. A parte mediana é ornamentada de cada lado com três pares de sulcos incisos, correndo paralelos aos lados maiores. Tem 65,5 mm de largura e 6,5 de espessura máxima.
- 12 — Pente de osso, feito de uma única peça, com os lados menores recortados. A parte mediana tem decoração composta de oito estrias longitudinais irregularmente separadas umas das outras. Como o anterior, este pente tem duas filas de dentes de espessura e incorporação diferentes. Tem 45 mm de largura e 3,5 de espessura. Foi encontrado nas escavações das Grandes Termas do Sul ¹⁾.
- 13 — É o mais completo e ornamentado dos pentes existentes em Conimbriga e provenientes das antigas escavações. Difere dos anteriores por ser construído, não numa peça única, mas em quatro elementos dentados, fixados a um travessão ornamentado por meio de pelo menos cinco cravos. Há restos de dois cravos de ferro e um de bronze. A ornamentação do travessão consiste em círculos de centro marcado por um ponto, variadamente dispersos: uns alinham-se ao longo dos lados menores; outros enfileiram em meias coroas circulares; outros ainda dispõem-se ao lado de um dente triangular que ocupa o interior de uma área semicircular rematada por dois meios-círculos concêntricos. Possivelmente, os quatro elementos dentados eram unidos por dois travessões idênticos; se assim era, resta hoje apenas um. Tem 87 mm de comprimento, 55 de largura e 7 de espessura máxima. É feito de osso, com tonalidade marfínea acastanhada. Tem o núm. de inv. A 150 ⁽²⁾.

¹⁾ Lembra, pelos recortes nos lados menores, um pente publicado por G. C. Boon, *Roman Silchester*, Londres, p. 105, fig. 15, 11.

⁽²⁾ J. J. Hatt, *Fouilles de Strasbourg*, «Gallia», 11, 1953, p. 245, fig. 16, publica um pente semelhante embora de decoração mais simples e diverso também nos recortes laterais, datado do séc. iv d.C. Jacques Coupry, *Informations — XI^e circonscription*, «Gallia», 12, 1954, p. 208, fig. 12 apresenta um pente merovíngio igualmente feito de várias placas de osso, diferente no formato mas com ornamentos semelhantes aos do de Conimbriga. A mesma ornamentação encontra-se em pentes publicados por A. Roes, *Vondesten van Dorestad*. Outros paralelos podem ver-se em K. Majewski, *Exploration archéologique de Novae*, «Latomus», 22, 1963, est. LVT, fig. 9, e F. Fremersdorf, *Der römische Gutshof Koln-Mungersdorf*, 1933, est. 37, 10.

PINÇAS

As pinças surgem-nos com a denominação latina de *volsella* e de *vulsella*, embora este último termo seja usado muito raramente.

A palavra *volsella* indica um diminutivo e uma limitação do seu uso, em contraposição com a pinça de maiores dimensões chamada *forceps*.

Duma maneira geral a *volsella* era utilizada somente para dois fins: como objecto medicinal (variando, neste caso, de dimensões) e como objecto de toilette.

Uma prática fortemente expandida, embora reprovada pelas pessoas graves (sem a conseguirem suprimir), porque a consideravam própria dos efeminados ou daqueles que não sabiam envelhecer, era a depilação, que dava maior efeito que certas pastas depilatorias empregadas com fins idênticos (*psilothrum*). Alguns contentavam-se, somente, em retirar os pelos brancos isolados. Homens importantes, como César, não hesitavam fazê-lo.

A depilação era praticada especialmente nos banhos por um escravo especialista — o *alipilus*, que empregava para esse efeito uma pinça — *volsella*. Por esta razão, a pinça de depilar era reunida, a maior parte das vezes, numa argola, com outros objectos de toilette, como as espátulas para a pintura do rosto, o palito (*dentiscalpium*), o raspador da cabeça (*scalptorium*), e o esgaravatador dos ouvidos (*auriscalpium*), ou somente com algum, ou alguns, destes instrumentos.

PINÇAS (EST. I)

- 14 — Pinça feita de uma folha de bronze de 5 mm de largura, dobrada sobre si mesma, formando superiormente um anel e com as extremidades encurvadas para dentro. Tem 72 mm de comprimento; a espessura, de 1,5 mm no máximo, vai diminuindo progressivamente para as extremidades f¹).

Há mais uma pinça deste tipo, mas incompleta.

p) Vejam-se pinças semelhantes em Michel Labrousse, *Les fouilles de Gergovie* (1945-46j, «Gallia», 6, 1948, p. 89, fig. 39, n.º 2328 (dos fins do séc. i a.C. ou inícios do i da nossa era); British Museum, *Antiquities of Roman*

- 15 — Tal como a pinça anterior, reveste a forma de uma folha de bronze de 2 mm de largura, dobrada sobre si mesma, formando no cimo um orifício em forma de gota, cujas paredes têm secção circular, para depois se abrirem numa grande curvatura. Na parte final, as duas extremidades aproximam-se uma da outra e adelgaçam-se, passando a secção a ser rectangular. O comprimento total é de 62 mm e a espessura máxima de 3 mm ⁽¹⁾.
- 16 — Pinça feita igualmente de uma folha de bronze com 65 mm de comprimento, 5 mm de largura e 1 mm de espessura. Secção rectangular. Na parte média tem um pequeno anel de bronze a atar os dois lados da pinça. Núm. de inv. A 139 ^(a).

LÍGULAS

Os romanos estabeleciam a confusão entre as palavras *ligula* e *lingula*, ambas usadas na designação da lígula. Assim, Marcial reprovava os gramáticos ignorantes por se obstinarem a usar o termo *Ungula*, enquanto que a boa sociedade romana não se servia senão da palavra *ligula*. Os gramáticos queriam, sem dúvida,

Britain, Londres, 1958, p. 12, fig. 5, 10. M. Oliva Prat, *Museo Arqueológico de Gerona*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, p. 233-234, est. X, 22; G. C. Boon, *Roman Silchester*, Londres, p. 105, fig. 15,10; Paul Mesplé, *L'atelier de potier gallo-romain de Galane à Lambez (Gers)*, «Gallia», 15, 1957, p. 51 est. Y, 13; Mário Cardozo, *Excavações na Citânia de Briteiros*, «Revista de Guimarães», 53, 1943, p. 255, fig. 8,5; Marc-Adrien Dollfus, *L'étonnante instrumentation des ophthalmologistes gallo-romains*, «Archeologia», 10, 1966, p. 18, n.º 1; Régine Pernoud, *Le gaulois, ce technicien genial*, «Archeologia», 7, 1965, p. 22; Helli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*. Brugge, 1962, est. III, 12.

⁽¹⁾ Michel Labrousse, *Les fouilles de Gergovie*, «Gallia», 8, 1950, p. 51, fig. 34. (Achados datados de c. 300 a.C. até aos fins do reinado de Tibério); G. Rancoulé, *L'oppidum protohistorique de la Lagaste*, «Cahiers figures de Préhistoire et de Archéologie», 14, 1965, p. 61, fig. 6, 2 e.

^(a) José Saénz de Buruaga, *Museo Arqueológico de Mérida*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. I, 5; P. C. Blin, *La oilla gallo-romaine de Grury-Gadancourt*, «Gallia», 18, 1960, p. 176, fig. 22, (ocupada do começo do séc. n ao iv d.C.), Maurice Aliger, *L'oppidum de Noges*, «Ogam», 18, 1966, p. 231, fig. 13, est. 68, 41 (pinça sem atadura de um nível de 70 a.C.).

conservar-se fiéis à etimologia tradicional que fazia da *Ungula* um diminutivo de língua, pois que o côncavo da colher fazia lembrar a língua humana. Porém, casos havia em que a palavra lígula não podia ter esta etimologia, pois que se não assemelhava àquele órgão humano. Então, para se resolver esta dificuldade optou-se por distribuir em duas classes os termos *lingula* e *ligula*, fazendo derivar o primeira de língua ou *lingere* e o segunda, de *ligare*. Apesar de tudo isto, continuava a estabelecer-se confusão no emprego destas duas palavras, visto que a dissemelhança não era assim tão flagrante e, daí, o passar a usar-se, indiferentemente, *lingula* ou *ligula*, qualquer que fosse o seu sentido.

As lígulas podiam ser de metal, madeira, osso, marfim e até mesmo de vidro, e afectavam as formas e tamanhos mais diversos.

Duma maneira geral, a lígula era constituída por uma haste de madeira, metal, osso, etc., que terminava, numa das extremidades, por um engrossamento em forma de azeitona e, na outra, a maior parte das vezes, por uma colher. Outras têm num dos lados esta saliência olivar e, no outro, uma espátula em forma de pá, lembrando a lâmina de um escalpelo, mas não cortante. A colher ou espátula servia para retirar os óleos ou essências perfumadas dos recipientes em que estavam contidos e deitá-los, depois, sobre a barba, cabelos, ou qualquer outra parte do corpo. Com a saliência olivar misturavam-se e combinavam-se as substâncias. Servia, também, para extrair os cosméticos dos vasos de vidro em que estavam guardados.

Algumas lígulas mais primitivas e modestas possuíam, em vez de colher, uma pequena ranhura que fazia as mesmas vezes daquela, de que são exemplo as lígulas 1, 2, 3 e 4, existentes em Conimbriga. Por vezes desaparecia a protuberância em forma de azeitona e a extremidade surge-nos aguçada, ou enrolada sobre si mesma, devendo esta última fazer parte de algum estojo de toilette, como parece demonstrar a existência do orifício. A lígula n.º 10 é um exemplo deste tipo de lígula.

Podia confundir-se, às vezes, com a espátula, quer no seu formato, quer na sua aplicação. Todavia, as lígulas não serviam somente como instrumentos de toilette, mas tinham também aplicações na farmácia, medicina, cirurgia, pintura e em diversas indústrias. De formato semelhante, era a sonda ou escalpelo

de cirurgião (*specillum*), instrumento destinado a explorar e aplicar um medicamento onde o dedo não podia chegar, bem como os objectos usados pelos pintores para esmagar ou amalgamar as cores.

A lígula podia ainda desempenhar a função de vareta para limpar as orelhas.

LÍGULAS DE OSSO (EST. II)

- 1 – A colher, indistinta do pé, tem uma ranhura comprida e profunda. A secção é circular. Mede 120 mm de comprimento e 7,5 mm de largura máxima. Completa f¹).

Há outro fragmento de lígula deste tipo.

- 2 – De formato idêntico ao do anterior, tem todavia a ranhura muito menos comprida e profunda. A secção é circular. Tem 157 mm de comprimento e 6,5 mm de largura máxima. Completa.
- 3 – De extremidade arredondada, tem uma ranhura central do lado interno da colher. As costas desta são convexas. Tem 70 mm de comprimento e 11,5 mm de largura máxima. Incompleta.
- 4 – Idêntica à anterior, mas com a extremidade mais angulosa e uma ranhura menos funda. Tem 55 mm de comprimento e 11 mm de largura máxima. Secção circular.
- 5 – Colher quase circular, de cerca de 5,5 mm de diâmetro, formando ângulo obtuso com o cabo. Este tem 97 mm de comprimento e 3,5 de largura máxima. A secção inicial do cabo, oval, vai-se transformando, pouco a pouco, em circular. Completa (?).
- 6 – Análoga à anterior, diverge dela pela maior curvatura e menores dimensões da colher. Pé de secção circular. Completa. Tem 100 mm de comprimento e 3,5 mm de espessura.

Há mais seis lígulas semelhantes, mas incompletas.

f¹) José Belda, *Museo Arqueológico Provincial de Alicante*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6,1945, est. LXXY, 10 (séc. i d.C.).

(?) M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XXVIII, 7; Jacques Heurgon, *Antiquités historiques – I.ère circonscription*, «Gallia», 12, 1954, p. 135, fig. 10, 27.

LIGULAS DE BRONZE (EST. II)

- 7 – Semelhante às duas anteriores. A colher, circular, de 5 mm de diâmetro, forma ângulo obtuso com o cabo. Este alarga a partir da colher e chega a atingir a espessura de 5 mm, afuselando em seguida até à parte terminal. Secção circular. Tem 206 mm de comprimento total. Completa, apenas com a colher ligeiramente fragmentada, esta lígula foi achada pelo Doutor V. Correia nas suas escavações dos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Núm. inv. A. 140 f¹).

Há mais uma lígula deste tipo.

- 8 – Colher circular como a da lígula anterior. Secção circular. Tem 128 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima e cerca de 5 mm de diâmetro da colher. Incompleta. Encontrada pelo Doutor V. Correia nas suas escavações dos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Tem o núm. inv. A. 142.
- 9 – Colher circular, ligeiramente côncava, quase no alinhamento do pé, que se acha muito torcido. Tem 88 mm de comprimento, 2,2 mm de espessura máxima, cerca de 6 mm de diâmetro da colher. Completa mas em adiantada corrosão (²).
- 10 – Colher oval, muito côncava pelo interior e convexa nas costas. Cabo de secção poligonal, estriado. Tem 70 mm de comprimento, 3 mm de espessura, 8 mm de altura da colher. Pé torcido e incompleto, colher fragmentada.
- 11 – Lígula de pequenas dimensões, de colher quase circular, pouco espessa, formando ângulo bastante fechado com o cabo. A colher é ornamentada nas costas com sulcos oblíquos, dispostos para a esquerda e para a direita de um sulco vertical mediano. Tem 35 mm de comprimento, 1 mm de espessura e c. de 5 mm de diâmetro da colher. O cabo, de secção circular, está incompleto. (³)

(*) Miguel Oliva Prat, *Museo Arqueológico de Gerona*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. XIII, n.º 22, 23. Werner Kramer, *Cambodunumforschungen* 1953, Kallmünz, 1957, est. 18, 5; G. E. Bonsor, *The archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*, est. LXVIII.

(²) British Museum, *Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 12, fig. 5,4.

Há mais duas lígulas semelhantes a esta mas sem ornamentação.

- 12 – A característica mais importante desta lígula é a parte terminal do cabo, enrolada sobre si mesma, originando assim uma argola que serviria possivelmente para fixá-la a um molho de outros utensílios de toilette. A colher é oval e côncava. A secção do cabo é circular. Tem 77 mm de comprimento, 4,5 mm de espessura máxima, 10 mm de altura da colher.
- 13 – Colher circular formando ângulo obtuso com o cabo, ornamentado com profundo sulco em espiral. A secção do cabo é circular. Tem 69 mm de comprimento, 3 mm de espessura máxima e cerca de 5 mm de diâmetro da colher J¹).
- 14 – O cabo fusiforme é decorado com duas zonas, uma de sulcos oblíquos e paralelos entre si, outra de sulcos enxadrezados. A colher, circular e convexa, tem pronunciada inclinação. Tem 110 mm de comprimento, 5 mm de diâmetro da colher e 3 mm de espessura máxima. Secção circular.
- 15 – Colher espatulada em forma de amêndoa. Pé de secção circular aguçado na extremidade. Tem 62 mm de comprimento, 2,5 mm de espessura máxima e 17 mm de comprimento da colher. Está completa, mas fragmentada na colher. Núm. inv. A 146.
- 16 – O cabo termina de um lado numa colher circular e do outro numa espécie de azeitona delgada. O cabo é dividido em duas zonas desiguais por dois toros que rodeiam uma superfície barriloide, sendo o troço maior estriado. Tem 124 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima, 4 mm de diâmetro da colher. Completa.
- 17 – O pé, ornamentado por três anéis centrais, termina de um lado numa forma olivar e do outro numa colher estreita, comprida, côncava pelo interior e convexa nas costas, atravessada no fundo por um sulco pouco perceptível. A secção do cabo é circular. Mede 108 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima e 22 mm de comprimento da colher. Foi recolhida pelo Doutor V. Correia nos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Núm. inv. A. 141 (2). (*)

(*) Werner Krämer, *ob. cit.*, est. 18, 6 7.

(a) Giinter Ulbert, *Die römischen Donau-Kastelle Aislige nund Buirghöfe*, Berlin, 1959, est. 66, n.º 14; Miguel Oliva Prat, *art. cit.*, est. X, n.ºs 8 e 10.

- 18 – A colher, em forma de folha de salgueiro, é bastante cavada e de fundo em V. Um elemento barrilóide e um toro unem a colher ao cabo. Mede 81 mm de comprimento e 12,5 mm de largura máxima da concha. Núm. de inv. A. 144 ⁽¹⁾.
- 19 – Cabo de secção circular, espatulado em ambas as extremidades, sendo as espátulas de dimensões diferentes. Mede 123 mm de comprimento, 3,5 mm de espessura máxima e 23,5 mm de altura da espátula maior.
- 20 – A colher desta ligula é também espatulada, comprida, de formato rectangular e espessura laminar. O cabo, inicialmente de secção quadrangular, transforma-se progressivamente em circular e termina numa protuberância em forma de azeitona. É ornamentado por três estrias transversais. Tem 163 mm de comprimento, 3,5 mm de espessura máxima, 52 mm de altura da colher espatulada. Está completa mas em adiantado estado de corrosão ⁽²⁾.
- 21 – Cabo de secção circular, colher em forma de amêndoa, côncava do lado interno, unida ao cabo por três pequenos sólidos em forma de diamante. Tem 100 mm de comprimento.
- 22 – Cabo de secção circular, terminado numa das extremidades numa protuberância em forma de azeitona alongada. A colher, que se acha partida, era unida ao cabo por anéis sobrepostos. Mede 144 mm de comprimento.
- 23 – Cabo de secção quadrada, terminando numa das pontas em forma de azeitona. A colher unia-se ao cabo por anéis sobrepostos. Mede 104 mm de comprimento.
- 24 – Cabo enrolado helicoidalmente na parte central; anéis sobrepostos separam a parte lisa terminal, de secção circular rematada em azeitona. Mede 100 mm de comprimento. ^(*)

(*) A. Octavio Gil y Farrés, *Museo Arqueológico de Mérida*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 5, 1944, est. II; Jacques Heurgon, *Informations*, «Gallia», 7, 1949, p. 109, fig. 7, n.º 10; G. Gaume e A. Högstran, *Note sur un instrument medical décoré gallo-romain*, «Revue Archéologique du Centre», 4, 1965, p. 278, fig. 1; Günther Simon, *Die römischen Funde aus dem Grabungen in Gross-Gerau*, 1965, p. 50, fig. 5.

⁽²⁾ Octávio Gil y Farrés, *art. cit.*, est. II; British Museum, *Greek and Roman life*, 1908, p. 179, fig. 189 f; Edgar Polichet, *Eine römische Spachtel aus Wesen am Walensee*, «Ur-Schweiz», 29, 1965, p. 51, fig. 54.

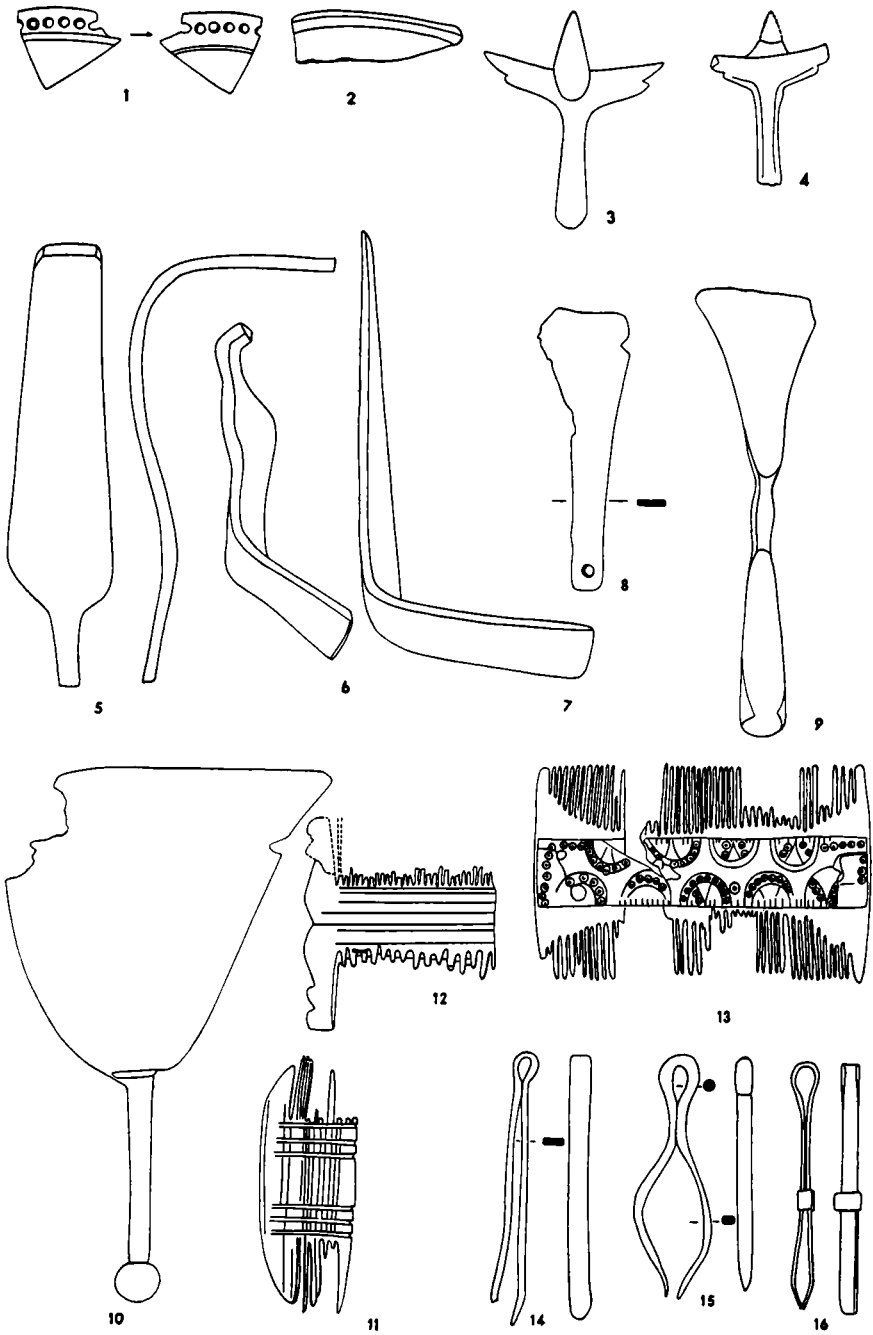
- 25 – Cabo estriado e remate em forma de azeitona alongada.
- 26 – Cabo parcialmente estriado separado por anéis da parte lisa, e remate em forma de azeitona alongada.
- 27 – Cabo de secção circular, estrangulado em pequena zona decorada por sulcos paralelos.

PLACA DE COSMÉTICOS (EST. II)

- 28 – De xisto cor de cinza, tem formato rectangular com 80 x 38 x 8 mm e lados talhados em bisel. Servia para preparar unguentos. Acha-se apenas ligeiramente esborcelada. Núm. inv. A. 143.

ELSA ÁVILA FRANÇA

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

